

Série **Samba se aprende na escola** – canções da Praça Onze  
Episódio 16 – Batuque na cozinha

**Vinheta com Voz do Morro**

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, mas temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Olá, esta é a série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**. Aqui, falamos de Música Popular Brasileira para aprender com quem canta as nossas histórias. Este é o episódio 16, em que ouvimos, analisamos e cantamos **Batuque na cozinha**. A letra do samba e o texto deste episódios estão no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Tóris com i, viu? [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Este samba, da década de 1910, é um clássico, com muitas versões. Aqui, canta João da Baiana, o compositor, numa gravação de 1968 que tem Pixinguinha no arranjo e tocando sax.

**Sobe som Batuque na cozinha, inteiro.**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Não moro em casa de cômodo / Não é por ter medo não / Na  
cozinha muita gente / Sempre dá em alteração.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Então não bula na cumbuca / Não me espante o rato / Se o branco  
tem ciúme / Que dirá o mulato.*

*Eu fui na cozinha / Pra ver uma cebola / E o branco com ciúme  
De uma tal crioula / Deixei a cebola, peguei na batata / E o branco  
com ciúme de uma tal mulata / Peguei no balaio pra medir a farinha  
/ E o branco com ciúme de uma tal branquinha.*

*Então não bula na cumbuca / Não me espante o rato / Se o branco  
tem ciúme / Que dirá o mulato.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Voltei na cozinha pra tomar um café / E o malandro tá com olho na  
minha mulher / Mas comigo eu apelei pra desarmonia / E fomos  
direto pra delegacia / Seu comissário foi dizendo com altivez / É da  
casa de cômodos da tal Inês / Revista os dois, botem no xadrez /  
Malandro comigo não tem vez.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque  
Eu queimei meu pé.*

*Mas seu comissário, eu estou com a razão / Eu não moro na casa  
de arrumação / Eu fui apanhar meu violão / Que estava empenhado  
com Salomão / Eu pago a fiança com satisfação / Mas não me bota*

*no xadrez com esse malandrão / Que faltou com respeito a um cidadão / Que é Paraíba do Norte, Maranhão.*

Já falamos sobre João da Baiana, lá no primeiro episódio desta série, quando tentamos definir o samba. João da Baiana é um dos pioneiros deste gênero discursivo (ou textual) feito para a gente ouvir, cantar junto e dançar. Era ritmista, compositor e suas músicas contam como viviam os brasileiros pobres no início do século 20. Veja, por exemplo, como ele conta a aflição do rapaz que passou a noite esperando a mulher voltar da rua.

**Sobe som Deixa amanhecer, na gravação do MIS-RJ, Faixa 23.**

**Aos 0.05'09"**

*Deixa amanhecer, mulher / você tem que me dizer / quem dançou a noite inteira / par constante com você. 0.05'20"*

Gravada em 1935, por Almirante e pelo regional de Benedito Lacerda, **Deixa amanhecer** foi um hit.

**Sobe som Deixa amanhecer com Almirante. Não tem time code.**

<https://discografiabrasileira.com.br/composicao/33770/deixa-amanhecer>

*Você ontem foi ao baile / e pensou que eu não sabia / esse eu não tivesse amigos / ai de mim, o que seria.*

*Deixa amanhecer, mulher, você tem que me dizer / quem dançou a noite inteira / par constante com você. Sem time code.*

**Batuque na Cozinha** fala de uma festa na “casa de cômodos da tal Inês”, lugar que existiu de verdade. Estas festas começavam de tardinha, com cerimônia religiosa, e terminavam em samba, na manhã do dia seguinte. Todo mundo era bem chegado, mas cada um tinha que saber o seu lugar direitinho.

**Sobe som dois refrãos, de Batuque na Cozinha. Aos 0.00’24”**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Não moro em casa de cômodo / Não é por ter medo não / Na cozinha muita gente / Sempre dá em alteração.*

*Batuque na cozinha / Sinhá não quer / Por causa do batuque*

*Eu queimei meu pé. Aos 0.00’48”*

Reparou que o sujeito poético ou narrador deste samba, não mora em casa de cômodos. Como vimos no episódio dois sobre a Praça Onze, casas de cômodos – ou cortiços – eram a primeira moradia de imigrantes pobres, recém chegados ao Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século 20. Mas o nosso personagem, também não era admitido na cozinha porque era batuqueiro. Ou seja,

**Batuque na cozinha**, também é uma melô da exclusão. A rapper mineira Laura Conceição, que também é mestranda em Educação na UFJF, nos ajuda a pensar essa questão. Mas, antes, vamos sua música, **Nada se cria**.

**Sobe som Nada se cria, com Laura Conceição. Do início**

[https://www.youtube.com/watch?v=2xliOmTqSOQ&list=PL1xLfnNTjShh\\_M7H--A4a7VbGpq3XSpTX](https://www.youtube.com/watch?v=2xliOmTqSOQ&list=PL1xLfnNTjShh_M7H--A4a7VbGpq3XSpTX)

*Eu sou jovem demais pra ter tanta certeza / E velha demais pra pedir proteção / Falam que o tempo vai te tirar da minha cabeça / E que meu ego vai me tirar do seu coração / Na indústria nada se cria pergunte a Lavoisier Esse contrato me liberta ou tá ajudando a me prender? Eu tô mais love song do que Flora Matos / E seu corpo me consome diferentes tatos / Ou me ama ou então me libera escolha um dos lados / Sorte no jogo e no amor é pra quem vicia os dardos. **Aos 0.00'27"***

Laura também é craque no slam. Laura, explica qual a diferença entre slam e rap?

**Sobe som Laura Conceição aos 0.11'24"**

O rap, né? é a música do movimento hip hop, significa ritmo e poesia. Então, a gente fala que é como você estivesse falando ou cantando aquela poesia dentro daquela batida, daquele ritmo. O movimento do slam, que são as batalhas de poesia falada, tem a característica da fala mais em si. Mas eu vejo as falas existirem no rap, vejo as falas existirem em músicas em músicas de mpb, em músicas do funk, né? **0.11'57"**

E de onde você tira os temas e as histórias de suas músicas?

**Sobe som de Laura Conceição. 0.07'57"**

Bom, a inspiração das minhas letras são do meu cotidiano, né? Tudo que eu vou vivendo eu vou guardando na minha cabeça, às vezes em registros, e acaba que vai virando letra. Eu gosto muito

de falar da minha vivência. Eu acho que isso torna as poesias e os versos mais legítimos. **0.08'19"**

**Batuque na cozinha** também conta histórias João da Baiana. Nas festas da Praça Onze, o choro e as modinhas eram ficavam na sala porque eram música de gente séria e respeitadora. O samba e o batuque iam para o quintal, porque eram música da turma da bagunça. Veja o que Pixinguinha, um músico sério, falou sobre João da Baiana num depoimento de 1966, ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

**Sobe som Lucas dizendo a fala de Pixinguinha.**

“Samba é com João da Baiana. Eu não era do samba. Ele fazia seus sambas lá no quintal e eu os meus choros na sala de visitas. Às vezes, ia no terreiro fazer um contracanto com a flauta, mas não entendia nada de samba”

Laura, na sua opinião, Pixinguinha diz que João da Baiana era bom de samba ou deixa claro que não se misturava com aqueles batuqueiros lá do quintal?

**Sobe som Laura Conceição. Aos 0.13'03"**

(riso) Nossa, essa é forte! Cara, eu acho que não. Acho que vai mais para o elogio mesmo. Eu acho que Pixinguinha, com certeza, bebeu muito da fonte do samba, né? Demais, eu acho que o choro dialoga muito também com o samba, né? **0.13'24"**

E o rap dialoga com o samba? Dá para comparar samba e rap?

**Sobe som Laura Conceição. Aos .08'37"**

Com certeza, dá para fazer um paralelo, totalmente. Eu acho que o rap se origina muito, principalmente aqui no Brasil, das vertentes do samba, né? Das músicas das periferias, dos morros e tudo mais. Os assuntos são muito próximos, né? Você vê, até nos rappers mais famosos, mais conhecidos no Brasil, uma influência muito potente do samba, também, né? **0.09'05"**

Ainda existe esta hierarquia entre gêneros musicais, como no tempo de João da Baiana?

**Sobe som de Laura Conceição. 0.14"22"**

Eu não sei se o nome certo é hierarquia, mas existe sim essa diferenciação social que gira em torno, né? Por exemplo, o rap, a gente não consegue levar o rap para qualquer lugar, para qualquer casa de shows. O movimento hip hop ainda sofre muito preconceito, né? Visto como um movimento muito marginalizado. **0.14'45"**

E como se enfrenta esta situação.

**Sobe som Laura Conceição. 0.16'15"**

O rap, que – eu acho que posso falar com mais propriedade – vem ganhando muito espaço. Vem ganhando espaço na mídia, vem ganhando espaço nos festivais, nas casas de show. Eu acho importante este movimento, mas muito ainda precisa ser feito, principalmente em relação às mulheres que cantam, né? Que ainda

vem o recorte de gênero. Então, assim, a gente tem que fazer sim, enquanto movimento, colocar a cara, cobrar e falar sobre isso, né?

**0.16'44"**

Voltando ao samba de João da Baiana, o nosso batuqueiro desobedece às regras, vai à cozinha e não gosta do que vê lá.

**Sobe som primeira estrofe de Batuque na cozinha. Aos 0.00'54"**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Eu fui na cozinha / Pra ver uma cebola / E o branco com ciúme  
De uma tal crioula / Deixei a cebola, peguei na batata / E o branco  
com ciúme de uma tal mulata / Peguei no balaio pra medir a farinha  
/ E o branco com ciúme de uma tal branquinha. **Aos 0.01'06"***

Na estrofe seguinte, dá-se a confusão. A história é contada na ordem direta: com sujeito, verbo e predicado, um depois do outro.

**Sobe som Batuque na cozinha, segunda estrofe. Aos 0.01'42"**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Voltei na cozinha pra tomar um café / E o malandro tá com olho na  
minha mulher / Mas comigo eu apelei pra desarmonia / E fomos  
direto pra delegacia / Seu comissário foi dizendo com altivez / "É da  
casa de cômodos da tal Inês / Revistem os dois, botem no xadrez /  
Malandro comigo não tem vez." **0.02'06"***

Nos primeiros versos dessa estrofe, o narrador conta, na primeira pessoa, como aconteceu a "desarmonia". Depois, ele cede a



palavra ao comissário de polícia. Esse recurso chama-se discurso direto. Num texto escrito, seriam usadas aspas ou travessão. O samba de João da Baiana é tão bem elaborado, que fica claro quem fala o quê. Ouça de novo:

### **Sobe som segunda parte da estrofe de Batuque na Cozinha**

**Aos 0.01'54"**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Seu comissário foi dizendo com altivez / "É da casa de cômodos da tal Inês / Revistem os dois, botem no xadrez / Malandro comigo não tem vez." 0.02'06"*

João da Baiana mantém o sincopado do samba na combinação das sílabas tônicas e átonas. E, na última estrofe, há um preciosismo: todos os versos terminam em "ão", sem prejudicar a fluidez do texto.

### **Sobe som última estrofe de Batuque na cozinha. Aos 0.02'30"**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Mas seu comissário, eu estou com a razão / Eu não moro na casa de arrumação / Eu fui apanhar meu violão / Que estava empenhado com Salomão / Eu pago a fiança com satisfação / Mas não me bota no xadrez com esse malandrão / Que faltou com respeito a um cidadão / Que é Paraíba do Norte, Maranhão. 0.02'54"*

No rap e no samba, combinam-se ritmo e rima para contar uma história. Laura Conceição, qual é a mágica para criar uma música assim? É inspiração ou transpiração?

**Sobe som Laura Conceição 0.18'40''**

Sim. É os dois, né? **0.18'44''**

**Junta com 0.19'00''**

Então, eu acho que a inspiração, ela é fundamental, o texto é 70% de inspiração, mas 30% também de pensar na métrica, né? Pensar no ([incompreensível](#)). Saber encaixar ali dentro daquela estrutura para conseguir o efeito que você quer. Às vezes, você quer o efeito de terminar em sílabas tônicas, às vezes você quer o efeito de rimar vários gerúndios. Aí vai do jeito que você quer buscar, né? **0.19'28''**

**Junta com 0.20'00''**

Então, eu acho que a transpiração é importante demais, assim. E, junto com a inspiração é o que causa, é o que fecha. **0.20'09''**

E o que vem primeiro na sua música? A história, as rimas ou o ritmo?

**Sobe som Laura. Aos 0.20'57''**

Geralmente, eu costumo começar com as ideias e a própria métrica da escrita já vai dando um ritmo ali que eu quero alcançar. **0.21'07''**

**Junta com 0.20'41''**

Agora, semana que vem eu estou indo para o estúdio e vou gravar meu segundo álbum. Nesse, segundo álbum, o processo foi o contrário. Eu tinha os instrumentais e eu escrevi as letras em cima. Eu quis fazer este processo contrário para poder ver. Mas isso é muito livre assim. **0.20'57"**

Além de ter todas as rimas em ão, a última estrofe de **Batuque na cozinha**, dá o desfecho da história. Vamos ouvir de novo?

**Sobe som última estrofe de Batuque na cozinha. Aos 0.02'30"**

<https://www.youtube.com/watch?v=yJKLtKCSOLw>

*Mas seu comissário, eu estou com a razão / Eu não moro na casa de arrumação / Eu fui apanhar meu violão / Que estava empenhado com Salomão / Eu pago a fiança com satisfação / Mas não me bota no xadrez com esse malandrão / Que faltou com respeito a um cidadão / Que é Paraíba do Norte, Maranhão. **0.02'54"***

Aqui, cabe dar o contexto da música. O sujeito poético diz que é “paraíba do Norte, Maranhão” porque, na gíria carioca, nordestino é chamado de paraíba. Pejorativamente ou não. E, antigamente, não existia Região Nordeste. Da Bahia para cima, era Norte. Quando ele explica que foi pegar o violão com Salomão, provavelmente se refere a um judeu que trabalhava com penhor. Salomão é como os cariocas chamavam os judeus vinham morar na Praça Onze, quando chegavam da Europa, fugindo de perseguições religiosas. E também fica claro que o narrador de **Batuque na Cozinha**, um

negro, batuqueiro, tinha sempre que se explicar com a polícia.

Tintim por tintim.

No início do século passado, a dita boa sociedade carioca, tinha fascínio e repulsa pelos sambistas. Veja o que o escritor João do Rio falava sobre as mulheres da Praça Onze, em seu livro **As religiões do Rio de Janeiro**, de 1906.

### **Sobe som Lucas lendo o texto de João do Rio**

“São as demoníacas e as grandes farsistas da raça preta, as obsedadas e as delirantes. A história de cada uma delas, quando não é uma sinistra pantomima de álcool e mancebia, é um tecido de fatos cruéis, anormais, inéditos, feitos de invisível, de sangue e morte.”

A historiadora Rachel Sohiet, que estuda a diversão e o humor das classes populares, conta, em seu livro **A subversão pelo riso**, que os filhos da burguesia eram censurados pelos amigos porque, no carnaval (abre aspas) deixavam a avenida, com seu curso deslumbrante e iam para a Praça Onze ver crioulo (fecha aspas).

Laura Conceição, um século depois de **Batuque na Cozinha**, os artistas negros ainda enfrentam este tipo de preconceito?

### **Sobe Laura Conceição. Aos 0.24'59”**

O rap é um evento majoritariamente movimentado por pessoas pretas. Então, este tipo de preconceito acaba que se somatiza ao preconceito social que eu falei antes e isso acaba fazendo com que

o movimento hip hop seja um movimento até hoje, muito oprimido pela sociedade. **0.25''20''**

E o que a gente pode fazer para lutar contra esta situação?

**Sobe som Laura Conceição. Aos 0'24'37''**

A gente até levanta mais este tipo de discussão, fala muito mais sobre isso que há um século atrás, mas eu tenho certeza de que muitas pessoas ainda morrem, muitos artistas não têm oportunidades e passou muitos apertos por serem pessoas pretas.

**0.24'56''**

Agora, vem a versão instrumental de **Batuque na cozinha** para você cantar. Mas antes, ouça o que o maestro e produtor fonográfico Paulão 7 Cordas fala sobre João da Baiana.

**Sobe som entrevista Paulão dissertação, aos 0.07'01''**

Ele era malicioso pra chuchu. Só que, naquela época, as pessoas tinham muita classe, né? Até para jogar conversa fora, as pessoas tinham uma elegância. **0.07'10''**

**0.07'28''**

Então, o que se precisa para interpretar João da Baiana é isso, explorar bem as sonoridades dos vocábulos que se completam e sacar bem o texto que ele está falando para você pegar o jeito de cantar, né? **0.07'44''**

E você, Laura, o que recomenda a quem quiser cantar **Batuque na Cozinha?**

**Sobe som Laura Conceição. Aos 0.28'18”**

Eu, particularmente, eu gosto muito de entender as letras, aí eu pesquiso a história do samba, eu pesquiso sobre o que eles estão falando, eu gosto muito de estudar as letras. Mas também, muitas vezes, eu saio cantando, né? Acho que acontece os dois tipos, mas eu gosto de entender a história porque, às vezes, tem muitas coisas ali por trás que a gente não pega e pode pegar. **0.28'40”**

Você ouviu dois mestres. Agora, é afiar o ouvido e o gogó. Para aprender a melodia e pegar o ritmo, ouça a versão instrumental algumas vezes e, depois, cante lendo a letra, até decorar. A letra está no site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br). Você pode cantar solo, com outras pessoas fazendo o coro ou se revezando nas estrofes. Pode também improvisar seus versos. Aí, vira um samba de roda ou um rap, que são ali, ó, bem juntinhos.

**Sobe som versão instrumental de Batuque na cozinha.**

Este foi o episódio 16 da série **Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze**, onde ouvimos, analisamos e você cantou o samba **Batuque na cozinha**. No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto deste episódio. Você encontra também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Muito obrigada e até o próximo episódio.

Vinheta Voz do Morro igual no início

<https://www.youtube.com/watch?v=h06DRX2Ot7M>

**0.00'32"**

*Preparem seus tamborins*

*A Praça Onze acabou, mas temos onde brincar*

*Por isso, não vamos chorar* **0.00'44"**

Ficha técnica, todos os episódios

Esta série foi concebida por mim, Beatriz Coelho Silva, a Totó.

A produção executiva é de Lucas Gabriel MH, Insitte Comunicação.

**Samba se aprende na escola – canções da Praça Onze** é um material didático distribuído gratuitamente e não tem fins lucrativos. A direção musical e a versão instrumental das músicas é de Paulão 7 Cordas.

Participaram das gravações: Alessandro Cardoso e Márcio Hulk no cavaquinho, Dudu Oliveira, na flauta; Márcio Wanderley no banjo; Ramon Araújo, no violão, Netinho Albuquerque, Rodrigo Reis, Rodrigo Jesus e Waltiz Zacharias, nas percussões. E Paulão no violão de 7 cordas.

Técnicos de gravação: Jadir Florentino, Ricardo Cidade e Ricardo Calafate.

Assessoria Pedagógica: Juliana Stanzani

Assessoria: KB Comunicação

O apoio cultural é da Maritaca Moda Artesanal.

O apoio moral é de Dinalda Machado, João Vítor Machado, Cely Leal e Teca Pimentel.

No site [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br) você encontra o texto de todos os episódios e também a dissertação **Quando vem da alma de nossa gente, sambas da Praça Onze**, que foi a origem desta série.

Vai lá e conta o que você achou. [www.toris.com.br](http://www.toris.com.br).

Muito obrigada.